

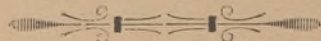
5-Ag-922  
5

N~~2179~~ 715

# LAMÕES

## A Typographia e as Sciencias do seculo 16

Conferencia feita pelo dr. Theophilo Braga, na sala da Associação typographica lisbonense, no mez de junho de 1880, por occasião e para festejar o tricentenario de Luis de Lamões.



Impresso em Lisboa  
e offerido

A Associação typographica lisbonense  
No dia do seu anniversario  
1892

P. 14.155

Outro ex. em papel inferior - ~~N-124~~



**H**onvite da illustre associação typographica lisbonense, para tomar parte na sessão solemne consagrada a celebração do centenario de Camões, e para mim não so uma honra, mas especialmente uma affectuosa lisonja as minhas antigas relações com esta fecunda arte da imprensa; e uma honra, por que todas as considerações que um individuo possa receber de qualquer collectividade teem sempre o valor de uma consagração, elevam mais do que os titulos dados pelo favor ou arbitrio de uma soberania individual; e uma lisonja affectuosa, que me commove, porque nos meus primeiros conflictos na vida, no combate pela existencia, foi com a arte typographica que me fortaleci, n'ella me apoiei para abrir caminho na vida, com ella me arhei seguro para garantir o meu logar ao sol em qualquer ponto civilisado do nosso globo. O que devo a essa arte, intimamente ligada a litteratura, aqui o confesso com reconhecimento, entre irmãos do trabalho, com quem estou ligado ainda pela cooperação para a universalidade das ideas. Hoje que uma idea grandiosa circula como uma corrente em toda a sociedade portugueza, dando a imprensa jornalística a consciencia da sua força suggestiva, revelando as associações um sublime accordo para ampliarem mais tarde a esphera das suas iniciativas, fazendo acordar na instituição dos municipios a consciencia da soberania nacional na forma tão digna do **self government**, alvo do futuro da humanidade na realisação dos seus progressos politicos, essa idea cuja expressão concreta e o centenario de Camões, foi tambem comprehendida por esta honrada classe que constitue a associação typographica lisbonense. Estamos aqui para commemorar a data eloquente de 10 de junho de 1580; se n'esse anno terrivel Camões succumbia desalentado e na indigencia, morrendo com a patria na hora em que Portugal era invadido pelos exercitos de Philippe II, elle condensara no poema dos **Lusiadas** tudo quanto havia de tradições, de feitos heroicos, de glorias e de protestos, para que um seculo vindouro encontrasse ali estímulos que revivificam uma nacionalidade. Poderemos nos dizer que pertencemos a esse seculo digno e intelligente? A ubiquidade das festas do centenario

de Camões sobre todos os pontos do territorio portuguez, nas ilhas, nas colonias mais remotas, a união leuitada que leva todos a ouvir fallar do poeta, e este enthusiasmo que toca as lagrimas, que provoca as manifestações mais originaes em todas as formas da arte, dão a este facto unico na sociedade moderna o caracter de um symptoma profundo, o começo, a crise consciente de uma revivescencia. Entre ellas homenagens que alevantam a magestade immensa do centenario, cabe uma grande parte a typographia portugueza, nas edições monumentaes e criticas das obras de Camões, nas biographias, poemas e monographias criticas; enfim, de todo esse esplendor dellumbrante com que uma nação inteira honra a mais gloriosa das suas tradições, perpetuada pela obra do maior poeta da civilização moderna, os arcos, pavilhões, salvas, cortejos triumphaes, de tudo isso o que hade de depor na historia que esta geração de hoje cumpriu um grande dever saldando uma divida de tres seculos, sera apenas aquelle tributo em que os typographos puzeram as mãos.

**Q**uando uma classe possui instrumentos com que universalisa a idea no espaço e a torna impercivél no tempo, e preciso que ella tenha consciencia do seu destino, se eleve, se moralise e se ache sempre ao serviço do que é progressivo. Os obreiros da imprensa teem tradições gloriosas, que, se não fossem esquecidas, nunca esta arte teria descido a condição de um mister; no seculo da renascença os grandes humanistas eram os compositores, revisores e impressores dos textos classicos da antiguidade. Admiramos ainda hoje essas edições pela severidade da recensão dos textos e pela belleza dos caracteres typographicos, pelo brilho da impressão, em que os progressos rudimentares eram vencidos pelo esmero affectuoso com que se exercia esse instrumento novo da universalização. A obra do pensamento, então perseguida pelo intolerantismo religioso e pela desconfiança do absolutismo monarchico, era solidaria com a obra da typographia, e por isso que, ao lado dos martyres do livre pensamento, vemos tambem serem esquartejados nas praças e carbonizados nas fogueiras os obscuros impressores que fa-

bricavam o instrumento da emancipação da consciencia—o livro. A multiplicação instantanea do livro, o seu preço accessivel ao vulgo, quando anteriormente era um thesouro privilegiado dos reis e das grandes abbadias, tornaram o phenomeno temeroso como effeito de magia; os impressores e livreiros soffreram esta tremenda apprehensão dos dois poderes temporal e espirital, que se dissolviam, ficando abaixo da consciencia publica. De facto, pela vulgarização do livro iniciaram-se no mundo a liberdade de consciencia e a liberdade politica; a imprensa tornou a biblia um livro commum, susceptivel de ser lido e interpretado por todos, como se realisava na epocha da reforma, e os terrores da idade media acabaram com o rejuvenescimento da alma moderna pelas concepções ideaes dos eternos poetas da Grecia e de Roma. A alma humana pode sentir de novo, atraves d'esses exemplares antigos, o sentimento da natureza, que estava apagado pela moral do ascetismo condensada na preocupação doentia de **Ubique daemon!** A liberdade politica, que vemos, depois da reforma, iniciada pelos Paizes Baixos, teve tambem um dos seus mais poderosos impulsos na imprensa; a publicação da **Politica** de Aristoteles veio revelar a origem natural do facto da auctoridade, e assim como Tacito estudara as instituições germanicas para actuar na modificação das instituições imperiaes de Roma, tambem Machiavelli estudou a vida politica de Roma na obra de Tito Livio, para ensinar as republicas italianas da idade media o modo de se modificarem em uma federação conscient. Pode-se dizer do seculo 16, (em que as **armas** eram mais manuseadas que os **livros**), segundo a phrase pittoresca de Aldo Manucio, que a imprensa assegurou o predomínio definitivo da idea sobre a força, os parlamentos enfraqueceram os reis absolutos, os tratados abrandaram as guerras, o livre exame acabou com as perseguições religiosas em que se assallinavam povoações inteiras.

**P**ara que nos remontarmos tão longe, quando n'este logar procuramos apenas fazer sentir a relação de Camões com a imprensa portugueza? E' porque effectivamente a imprensa portugueza comprehendeu o seu destino no fim do seculo 16; ferida de morte em 1559,

com o estabelecimento da censura religiosa pelo cardeal D. Henrique, e com o regimen dos **Indices expurgatorios**, ella não pode obstar a consequencia d'estes factos: o esqerimento das tradições de um povo livre, e a inconsciencia com que aceitamos o facto da perda da nacionalidade em 1580. Desde, porem, que a lingua portugueza era substituida nos actos publicos e nas relações das classes aristocraticas pelo uso do castelhano, um instincto natural de resistencia fez com que no ultimo quartel do seculo 16 se imprimissem os bellos monumentos ineditos da epocha brilhante dos Quinhentistas, e que os **Autos populares** e as **Relações de naufragios** circulassem com maior interesse entre o vulgo, onde o trato da lingua portugueza era considerado como o signal do sua baixeza e inferioridade. Os trabalhos que soffreu Camões depois do regresso do Oriente, em 1569, para poder dar publicidade aos **Lusiadas**, representam a situação da imprensa portugueza esterilizada na producção das obras insensatas de theologos e canonistas. Ao fim das delongas da censura clerical e das licenças e privilegios e taxas do paço, saiu a luz esse poema, em 1572, para perpetuar na historia o nome de um povo em quem, por um obscurantismo systematico, se apagara a consciencia da sua autonomia. Foi nos prelos de Antonio Gonçalves, nos gastos caracteres aldinós, que os **Lusiadas** se salvaram do naufragio da nacionalidade, da mesma forma que o poeta os salvou no seu naufragio nas costas de Camboja. Em 1580 estavamos sob o absoluto dominio hespanhol, e a consciencia portugueza, para não reagir contra a indignidade d'esse jugo, era adormentada pela direcção dos jesuitas, senhores tambem absolutos do ensino publico. O poema dos **Lusiadas** continha sublimes protestos, era como a faísca temerosa que poderia tornar a accender o amor da patria pela recordação do passado d'este povo agora envilecido; os jesuitas apoderaram-se dos **Lusiadas**, mutilaram o poema, cortaram-lhe estrophes, introduziram-lhe novas oitavas, versos e rimas differentes. E' essa a edição de 1584, feita depois da morte do poeta, quando elle ja não podia reclamar contra o attentado brutal; e a afamada edição dos **Piscos**, de um valor excepcional como documento de falsificação do monumento mais puro da nacionali-

dade portugueza e como meio de perversão da consciencia d'este povo. O texto falso de 1584 prevaleceu sobre o texto authenticico dos **Lusiadas** revisto por Camões; era esse o unico cuja leitura e reproducção litteraria era permittida. O espirito nacional sentia a necessidade de revivificar-se no texto puro dos **Lusiadas** de 1572; não podendo derogar as decisões da censura clerical, os impressores e livreiros trataram de reproduzir a forma typographica dos prelos de Antonio Gonçalves de um modo subrepticio, de sorte que todos os exemplares pareceressem provir da casa do antigo impressor, e, portanto, circulando a sombra da primitiva licença. Este facto explica-se pelos seguintes fundamentos: existem nada menos de cinco edições dos **Lusiadas** de 1572, com variantes orthographicas, com modificações e accidentes typographicos que revelam reproducções independentes. O facto e extraordinario, e com certeza não pode ser recebido no que materialmente significa; se fossem edições do mesmo anno, seria isso um titulo do valor do poema que não deixaria de ser consignado: tambem não se pode explicar como modificações introduzidas ao correr do prelo, em uma tiragem morosa, porque seriamos obrigados a admittir que o poeta assistira durante cinco ou seis mezes, pelo menos, a impressão do poema, perturbando caprichosamente o andamento do trabalho. A necessidade de voltar ao texto puro de 1572, que lo foi publicamente reconhecida em 1606, e que justifica a nossa hypothese considerando essas variantes de exemplares de 1572 como reproducções **fac-similes**, para illudir a intolerancia boçal da censura. Um outro fundamento e a observação do periodo em que trabalha o impressor Antonio Gonçalves. O sr. Tito de Moronha, no seu opusculo **A imprensa portugueza no seculo VI**, fixa o periodo da actividade de Antonio Gonçalves entre 1568 e 1576, contando-se apenas como producto do seu prelo 18 obras; ve-se, portanto, que a sua casa impressora se extinguiu depois de 1576, o que justifica o poder-se reimprimir de um modo **fac-simile** o texto dos **Lusiadas**. Conhecendo-se a imperfeição do prelo de Antonio Gonçalves, e a morosidade da publicação dos **Lusiadas** e tambem a circumstancia de que n'esse mesmo anno de 1572 o mesmo impressor acabou a obra in-folio de 242 paginas intitulada **Primeira**

**parte do compendio da chronica do Carmo**, tudo nos leva a concluir, com o sr. Tito de Moronha, que as outras edições attribuidas ao mesmo anno nos exemplares examinados pelos bibliophilos camonianos não provem do mesmo prelo. Aqui, portanto, a imitação typographica, hoje tão seguida na imprensa europea, renovando o gosto aldino, o estylo elzevir, foi seguida com um intuito digno pelos impressores do fim do seculo 16 e começo do 17 com relação ao texto authenticos dos **Lusiadas**, como se ve claramente no esforço do livreiro Domingos Fernaudes na edição de 1609.

**U**nde se conhece quanto a litteratura camonianiana deve aos obreiros da imprensa portugueza e com especialidade na salvação das lyricas de Camões. Sabe-se que, depois da chegada de Camões a Lisboa, em 1569, roubaram ao poeta o livro dos seus versos, livro que o grande Diogo do Couto vira em Moçambique, onde encontrara esse seu matalote e amigo — principe dos poetas do seu tempo — tão pobre que comia de amigos. No meio do desalento e miseria, Camões entretinha-se colligindo os seus versos, onde cantava os seus amores, os desastres de uma vida tempestuosa, e os rasgos do seu espirito dominavam as catastrophes vendo os acontecimentos atravez d'essa graça que ainda hoje encontramos nas suas cartas. A esses versos e composições dramaticas dera Camões, segundo o estylo da escola italiana, o nome de **Parnaso**. Roubaram-lhe esse livro logo na sua chegada a Lisboa, e, segundo Diogo do Couto, foi roubo notorio, que se não pode descobrir; essa face sublime do talento de Camões ficaria ignorada, porque das suas obras lyricas apenas restavam a ode ao conde de Redondo, em 1563, o soneto a Manuel Barata, em 1572, e os tercetos a D. Leoniz Pereira, em 1576, salvos pela imprensa. So quinze annos depois da morte de Camões e que começaram a apparecer os primeiros plagiatos das obras do grande epico, e foi então que os livreiros tiveram o generoso instincto de explorarem a curiosidade publica fazendo investigações, pedindo cadernos de manuscriptos, escrevendo para Goa e para Moçambique, transcrevendo os fragmentos dos cancioneiros de mão, para assim organisarem o primeiro texto das **Rimas de Camões**,



impresso pelo benemerito livreiro Estevão Lopes, roadjuvado pelo poeta e juriscônsulto Fernão Rodrigues Lobo Seropita, em 1595. As descobertas succederam-se com allombro, e novos ineditos se ajuntaram a reimpressão das **Aimas**, de 1598. Os esforços de um outro intelligente livreiro, Domingos Fernandes, roadjuvado por Pedro de Mariz, e principalmente pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, lograram accumular mais ineditos de Camões, em edições successivas e sempre augmentadas das **Aimas**; os impressores e livreiros Craesbeck, Pedro, Lourenço e Antonio, deram as obras do poeta a belleza dos seus typos, no formato de algibeira, os preciosos in-24 de 1626 e 1627, 1631, 1632, 1633, 1644, e 1645 em que apparece pela primeira vez o **Auto de El-Rei Seleuco**. Foram os livreiros e os impressores do fim do seculo 16 e durante todo o seculo 17 que descobriram o texto lyrico de Camões e salvaram a lingua portugueza, que foi o característico da vitalidade nacional. Observando o trabalho typographico exercido sobre os **Lusiadas** de Camões, podemos tambem organisar uma estatística susceptivel de deducções fecundas. É certo que os numeros não governam o mundo; mas, segundo a phrãse de Goethe, dizem como elle se governa; e este o espirito da estatística, que se pode applicar a interpretação de toda a ordem de phenomenos. As impressões dos **Lusiadas**, no ultimo quartel do seculo 16, durante todo o seculo 17, 18 e 19, revelam, pela sua frequencia ou diminuição, as alterações do espirito portuguez, conforme a consciencia da sua nacionalidade e segundo o grau de liberdade realisado nas instituições.

**A**o seculo 16, quando estava a pique de se extinguir, pelas traições da nobreza e pelas conspirações clericães, a nossa independencia, apparecem os **Lusiadas**, em 1572. A consciencia nacional conservava-se na tradição vivificada pelo poema, abraçando como seu esse livro, que se imprimiu em 1584, 1591 e 1597. N'esse seculo, que termina para nos com o maior dos desastres, tiveram os **Lusiadas** — cinco edições. No seculo 17, passado em grande parte sob o jugo hespanhol e nas guerras da fronteira, e depois de esterelizado pelo realismo bragantino, fizeram-se somente — quatorze edições dos **Lusiadas**. No seculo 18, em que a nação foi

totalmente desconhecida pelos seus monarchas, em que o despotismo attingiu o maximo do seu arbitrio em D. Jose, e em que a nação se viu exposta a ruina pela demencia fanaticca de D. Maria I e pelos actos inconsiderados de D. João 6, os **Lusiadas** quasi que ficaram esquecidos, tiveram apenas durante esses governos deprimentes, em cem annos — **dez edições.**

**D**o seculo 19, grande pela sua renovação scientifica, pelas aspirações politicas, pelas vastas applicações industriaes, transformou a consciencia moderna, e assignala uma era nova na marcha da humanidade; Portugal tambem se sente attrahido para esta corrente progressiva da nova evolução, e pode dizer-se que a consciencia nacional se eleva. As edições dos **Lusiadas** n'este seculo sobem ja a **cincoenta e tres.** E' por isso que podemos repetir com Schlegel, que nunca, depois da **Illiada**, se encontrou a vida de um povo eternizada em um poema tão completamente como nos **Lusiadas** de Camoes. N'este seculo, em que, ao contrario do que dizia o venerando patriarcha da imprensa, o velho Aldo Manucio, **as armas vão sendo substituidas pelos livros,** cabe a imprensa portugueza um logar de honra nas festas do centenario de Camões, porque ella ha de ter a intelligencia das aspirações contidas no facto do centenario, e servir com a sua força a manifestação do rejuvenescimento nacional que se inicia com este phenomeno.





